



**ONDE
VIVEM OS
BÁRBAROS**

A PARTIR DA OBRA DE PABLO MANZI

DIREÇÃO DE WALLYSON MOTA
COM COLETIVO LABIRINTO

sesc

Ver-se no outro, como exercício

Em um mundo de múltiplas conexões, é possível perceber o quão parciais as informações podem ser. Apesar das redes digitais terem o potencial de aproximar vivências, disponibilizando conteúdos de todo o globo acerca de inúmeros assuntos, nota-se uma propensão a se atribuir a uns, em detrimento de outros, a exclusividade de aspectos como “humanidade” e “razão”. Trata-se de dinâmicas de seleção tácita, que normatizariam quem ou quais situações mereceriam alguma dose de empatia ou reconhecimento.

Em tais processos de hierarquização do sentir e do pensar, as possibilidades de alteridade sofrem a influência de conveniências históricas e políticas; nestas, não raro se forjam supostas aproximações em relações de dominação, enquanto se constroem distanciamentos simbólicos entre aqueles que partilham realidades semelhantes. Essa identificação às avessas providencialmente aparta e segmenta experiências – experiências estas que podem ter, inclusive, a mesma matriz opressiva.

Nessa perspectiva, o espetáculo teatral *Onde Vivem os Bárbaros*, do dramaturgo chileno Pablo Manzi, apresenta reflexões sobre as sociedades contemporâneas, comprimidas pela urgência do tempo e pelas distintas condições que as sujeitam. Encenada pelo Coletivo Labirinto, com direção de Wallyson Mota, a peça traz referências a acontecimentos recentes, com reverberações em diferentes localidades.

Reconhecer-se no outro, como meio de autoconhecimento, constitui momento decisivo de identificação de cada um enquanto sujeito partícipe de um mesmo tecido social, feito

de composições e amarrações variadas. Ao proporcionar a fruição de experiências artísticas como o espetáculo em questão, o Sesc espera contribuir para a formação de indivíduos mais perceptivos para as sutilezas das relações cotidianas, tão reveladoras quanto determinantes para o bem viver coletivo.

Danilo Santos de Miranda

Diretor do Sesc São Paulo

SOBRE O ESPETÁCULO

*Algumas pessoas-inimigos estão ao redor de um texto-jorro que
joga-esfrega temáticas safadas nesta arena.*

Safadas porque nos fodem.

Estamos fodidos.

Fodidos-fecundos de colonizadores-colonizados.

*Suspense-pausa para entender-desaprender o que
a nossa história contou-caducou.*

A ficção, definitivamente, não é a solução-vilã.

ONDE VIVEM OS BÁRBAROS apresenta uma sociedade que busca respostas rápidas para assuntos complexos, mesmo que para isso se arrisque pelo terreno das injustiças e se expresse por gestos inequívocos de silenciamento do que lhe é diferente – entendido então como um inimigo.

A obra conta a história de três primos que, depois de vários anos sem se ver, decidem se reencontrar. O anfitrião, diretor de uma ONG reconhecida por realizar ações de estabelecimento da democracia em zonas de conflito, se vê envolvido no estranho homicídio de uma jovem ligada a movimentos neonazistas. Este fato desencadeia atitudes inesperadas das personagens e um extenso debate sobre a ideia que cada um constrói sobre o outro, que culmina na deflagração das diferentes formas de violência entre os convidados.

Qualquer semelhança com o que vivemos não é mera coincidência. Ao conhecer essa dramaturgia, o Coletivo Labirinto pôde novamente deparar-se com um material que trata diretamente e de maneira vertical dos desdobramentos de nosso percurso social, estabelecendo assim uma ponte de interlocução com a realidade chilena – comum e ao mesmo tempo diversa a nós.

O que o Coletivo sente de maneira muito viva é a necessidade de retratar em cena o avanço de uma lógica de raciocínio imediatista, sentenciador e moralista em nossa sociedade. Mais ainda, de trazer a público diferentes vias de discursos políticos, a fim de que possam gerar debate e fricção entre nós, desvelando as controvérsias sobre o delicado momento histórico que atravessamos. É possível observar o aumento das desigualdades concomitante ao desenvolvimento de uma conduta moral que visa um comportamento ‘puro’ entre as pessoas, numa espécie de lógica neofascista. Expor essa situação e colocá-la para discussão se mostrou fundamental.

Esta obra discute, portanto, que ideias temos hoje sobre civilização e barbárie. O que seria uma sociedade civilizada e o que seria uma sociedade bárbara? A quem interessaria estabelecer essas definições, essas fronteiras entre uma coisa e outra? Quem são os cidadãos dessa sociedade e quem são os seus selvagens? E mais, quem pode ocupar esses espaços – de uma pressuposta cidadania?



COLETIVO LABIRINTO

Núcleo de pesquisa e criação cênica (Abel Xavier, Carol Vidotti, Emilene Gutierrez e Wallyson Mota) que investiga as relações do sujeito com o seu panorama social através da dramaturgia latino-americana contemporânea.

Tem em seu repertório os espetáculos SEM_TÍTULO, dramaturgia do argentino Ariel Farace e direção de Wallyson Mota (2014); ARGUMENTO CONTRA A EXISTÊNCIA DE VIDA INTELIGENTE NO CONE SUL, do uruguaio Santiago Sanguinetti e direção de Marina Vieira (2019); as intervenções urbanas MISSÃO F. (2017); 08 AÇÕES DESORGANIZADORAS DA VIDA PÚBLICA – O AFETO COMO GESTO POLÍTICO (2019); o espetáculo cênico-virtual EXPERIMENTO SEM_TÍTULO (2021), direção de Wallyson Mota; a peça-filme ONDE VIVEM OS BÁRBAROS (2021), do chileno Pablo Manzi e direção de Wallyson Mota, indicada ao Prêmio APCA na Categoria Melhor Espetáculo Virtual de 2021; e o espetáculo MIRAR: QUANDO OS OLHOS SE LEVANTAM (2022), dramaturgia e direção de Jé Oliveira.

Desenvolveu recentemente o projeto “Histórias de Nossa América”, contemplado pela 35ª. Edição do Fomento ao Teatro Para a Cidade de São Paulo.

www.coletivolabirinto.com.br



ONDE VIVEM OS BÁRBAROS...

PASSEIO POR SUA ORIGEM

Tudo o que tenho feito em arte nesses anos remonta a 2016. Não apenas aos 365 dias que compuseram esse ano, mas a tudo o que o envolve: as tensões sociais estouradas no país, o seu passado-presente escravocrata, o fortalecimento de uma burguesia identificada com padrões colonialistas já antigos, o avanço do conservadorismo religioso, o fascínio pela lógica armamentista, o estouro da pós-verdade e o desenvolvimento de um raciocínio dicotômico que te cola a quem pensa igual a você e faz do pensamento divergente um objeto a ser expurgado, eliminado. Esses e outros pontos que vieram antes, atuaram durante e seguiram em avanço após o Golpe de Estado sofrido no Brasil nesse fatídico ano.

Quando 2016 começou, e isso era ali em junho de 2013, não entendi minimamente o que estava acontecendo. Por isso me fantasiei de branco e fui pra rua contra o aumento do transporte, pela valorização da educação e da saúde e por um país menos corrupto. Estava ao lado de amigos que carregavam flores nas mãos e não estranhava quando ouvia a multidão gritar ao redor por um ato sem bandeiras de partidos ou ícones políticos históricos.

Não entendia nada. Absolutamente nada.

Depois, quando alguns contestaram o resultado da eleição de 2014 (seria esse o segundo mês de 2016?) e a multidão foi novamente pra rua em março de 2015 já pra pedir a anulação do pleito que acabara de acontecer, numa espécie de carnaval macabro (ou uma Quarta-Feira de Cinzas que nunca acabou?), vislumbrei o que estava por vir.

E bravejei no vazio.

Nos dias que seguiram vi um amigo que vestia vermelho ser hostilizado por isso, cachorros latindo contra chicos e caetanos, brancos gestores se engomando ainda mais e vendendo a ilusão de um palanque novo, a queda violenta de todo e qualquer discurso que pensasse o que nos é comum, um outro branco chutando a barraca de artesanatos de um jovem casal de imigrantes latinos. Fui coagido na porta da minha casa pelo fato de ser bicha. Olhei para o calendário e vi que era 2018. Assisti Kléber Mendonça, Anna Muylaert, Ken Loach, vi os desfiles do Leandro Vieira, as palavras do Jhonny Salaberg, a inteireza que a Georgette Fadel e a Frances McDormand oferecem em cena; conversei com a Dani, o Dudu, o Maurício e a Tetembua. Dias calorosos. E coloquei na arena para o Coletivo Labirinto debater, remexer, ressignificar.

Labirinto vertiginoso.

A pesquisa e criação de ‘Onde Vivem os Bárbaros’ (que agora enfim estreamos!) teve início quando estávamos em cartaz com o provocativo “Argumento Contra a Existência de Vida Inteligente no Cone Sul”. Ali, experimentamos colocar em cena uma discussão que tocasse de maneira direta e sem concessões nos assuntos da vida pública brasileira e latina. Tivemos sessões eletrizadas e com público um tanto heterogêneo, o que propiciou muitas discussões ao redor dessa obra. Bingo! Pudemos perceber de maneira muito viva alguns traços do furacão que pareciam ser o olho e a necessidade de retratarmos em cena o avanço de lógicas de pensamento perigosas e inconsequentes em nossa vida social.



Estávamos/estamos em 2019, 20, 21 e 22... Até quando?

“Onde Vivem os Bárbaros” é uma obra que discute as ideias que temos hoje - e quanto tempo dura o hoje? - sobre civilização e barbárie.

Apesar de tocar em discussões complexas e nada pacíficas, o espetáculo as apresenta através de uma dramaturgia apoiada em uma situação ficcional bastante reconhecível: um encontro familiar entre três primos que há muito tempo não se veem. Cada um levou a sua vida de maneira distinta, tem histórias e experiências diferentes e ao se reencontrarem percebem o quão diferentes são/estão. E o quanto essas diferenças, no modo de vida contemporâneo, podem representar uma ameaça.

Wallyson Mota

Diretor do Espetáculo



ENTREATO

Eu tenho em mim uma pergunta-afirmação safada.

Safada porque me fode. Nos fode. E apesar de não ter-termos nenhuma obrigação de responder essa pergunta-afirmação, vou-vamos-estamos fazendo isso hoje porque montamos um texto-jorro bárbaro-safado durante dias-minutos.

E isso pode significar muitas coisas.

Eu me sinto completamente penetrado pelo fato de talvez ser exatamente aquilo que chamam de cidadão. Eu me sinto completamente penetrado pelo fato de talvez ser exatamente aquilo que chamam de bárbaro. E estou usando um sujeito indeterminado (“chamam”) para deliberadamente não responder-entregar-nomear esta pergunta-afirmação que eu tenho em mim. A quem interessa que respondamos esta pergunta-afirmação? A quem interessa que se defina exatamente cidadãos e bárbaros?



A quem interessa estabelecer uma linha limítrofe entre essas duas identidades-capacidades-eus?

Me interessa a indeterminação. E isto talvez seja o que há de mais bárbaro em mim. E bárbaro pode significar muitas coisas. Me entendem? Conseguem me entender quando digo que bárbaro pode significar muitas coisas? E se eu dissesse que cidadão também pode significar muitas coisas, vocês concordariam? Concordar é um passaporte para a cidadania?

Concordar talvez seja o que há de mais cidadão em mim.

O que é cidadão e o que é bárbaro?

Não tenho-temos nenhuma obrigação de responder essa pergunta-afirmação. A não ser por um único motivo. Motivo único. E este motivo é muito, muito safado.

Safado porque nos fode.

Abel Xavier

Ator



PARA VER A PEÇA-FILME:

bit.ly/onde-vivem-os-barbaros-filme

FICHA TÉCNICA

Direção: Wallyson Mota

Dramaturgia: Pablo Manzi

Tradução: Wallyson Mota

Texto Entreato: Abel Xavier

Elenco: Abel Xavier, Carol Vidotti, Ernani Sanchez, Ton Ribeiro e Wallyson Mota

Assistente de direção: Carolina Fabri

Cenário e figurino: Lu Bueno

Iluminação: Matheus Brant

Visagismo: Fabia Mirassos

Concepção Sonora: Gregory Slivar

Cenotécnicos: Armando Junior e Andreas Guimarães

Aderecistas: Jésus Seda e Matias Arce

Assistência e operação de luz: Guilherme Soares

Operação de som: Igor Souza

Fotos: Mayra Azzi

Assessoria de imprensa: Pombo Correio

Produção: Corpo Rastreado – Leo Devitto

Direção de Produção: Carol Vidotti




AGRADECIMENTOS

Alexandre Caetano, Anayan Moretto, Caetano Ribeiro, Carol Andrade, Celso Curi, Cícero Lima, Júlio Dória, Laíza Dantas, Leonardo Almeida, Lucas Tamandaré, Lucas Cardoso, Lucas Nuti, Luiza Moreira Salles, Malu Bazán, Marina Vieira, Messrim, Murilo Gil, Raphael B. Gomes, Rhena de Faria, Sandra Regina Piedade, SP Escola de Teatro, Tomás Franco, Tomé de Souza e Valentina Nazarian Sanchez.

**21 de setembro a
14 de outubro de 2022**

**ESTREIA
QUARTA, ÀS 20H30**

**TEMPORADA
DE TERÇA A SEXTA, ÀS 20H30
FERIADO, ÀS 17H30**

SESSÃO ACESSÍVEL 
13 DE OUTUBRO DE 2022
QUINTA, ÀS 20H30

14

Sesc Pompeia
Rua Clélia, 93 - São Paulo
tel. +55 11 3871.7700
    /sescpompeia
sescsp.org.br